

TRIGUEIROS, Luís Forjaz & DUARTE, Lélia Parreira. *Temas Portugueses e Brasileiros*. Lisboa, Ministério da Educação, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1992. 788p.

Resenhado por: Jane F. Tutikian

Se, ainda que num mesmo idioma, a expressão literária se dá de forma diferenciada de um povo para outro, é porque guarda as peculiaridades e essencialidades apreendidas no conjunto das suas relações histórico-sociais, o que lhe confere um caráter pluridimensional. Devemos considerar, nessa perspectiva, que as pressões exercidas por um determinado contexto sócio-histórico e político ou mesmo o avanço técnico-científico, combinados às forças do sistema literário e às forças das tradições nacionais de cada país, são coordenadas determinantes nas diversidades e valorização, enquanto função e significação, de elementos vivenciais e circunstanciais, individuais e coletivos. Em qualquer caso, a literatura é sempre, testemunha e espelho, presença reflexiva, elos de liberdades dentro de um processo dialógico.

Esses são pressupostos básicos para a participação no diálogo que ora se estabelece. Às terras à vista sucedem os temas como são vistos e é através de *Temas Portugueses e Brasileiros*, edição do ICALP organizada por Luís Forjaz Trigueiros e Lélia Parreira Duarte, que nos deparamos com Portugal e Brasil redescobertos. Num primeiro momento, ensaístas, críticos, ficcionistas e poetas portugueses analisam a cultura e a literatura brasileira, no seguinte, os brasileiros é que fazem a leitura da produção lusa. Não se trata, e é importante que desde já se esclareça, de traçar um paralelismo entre as duas culturas ou as duas literaturas, o que, fatalmente, seria marcado por limites; trata-se, isto sim, do estabelecimento de um diálogo amplo, revelador de interesses alicerçados na mutualidade e das diversas tendências e perspectivas críticas.

O que de imediato chama a atenção na primeira parte do livro é o interesse acentuado — e não novo — dos estudiosos portugueses por duas décadas de nossa produção, a de 30 e a de 40. Adriano Moreira, David Mourão-Ferreira e Jorge Borges de Macedo estudam Gilberto Freyre; António Alçada Baptista e Natércia Freire voltam-se para Jorge Amado; António Manuel Machado Pires analisa e Miguel Torga saúda José Lins do Rego; Fernando Cristóvão dedica-se a Graciliano Ramos e Manuel Anselmo a Carlos Drummond de Andrade. De 40, Álvaro Salema e Joaquim Veríssimo Serrão comentam Josué Montello; Eduardo Prado Coelho, Álvaro Manuel Machado e António Braz Teixeira analisam Clairce Lispector. No

mesmo artigo, António Braz Teixeira trata de Guimarães Rosa, também analisado por Alves Pires. Osório Mateus e Luís Rebelo voltam-se para Suassuna; Óscar Lopes para a poesia de João Cabral de Melo Neto e Alfredo Margarido para a de Lêdo Ivo.

A atenção especial por estas duas gerações — 30/45 — é justificada na introdução feita por Luís Forjaz Trigueiros à parte portuguesa da obra, quando busca historiar o interesse lusitano pela produção brasileira. “Certo é que, sobretudo nos romances de autores do referido Regionalismo Nordeste o ímpeto da sua crítica social, e as sagas amadianas dos ciclos do cacau e do café e precisamente a originalidade para o leitor português de meios tão peculiares do interior brasileiro, a descontração, nuns casos do estilo literário ao qual não faltava poesia e encantamento e noutros — por exemplo em Graciliano, a segura estilística, rigorosa, quase clássica, ao serviço de idéias e temas modernos brasileiros postos em ficção; e nos próprios romances e novelas de ambiente urbano, em seu realismo coloquial ou descritivo, de Marques Rebelo, tudo era novidade e descoberta ou reforço de um ideário que procurava exprimir-se também literariamente”. E, mais adiante: “A influência dos escritores regionalistas, por exemplo, no então nascente Neo-realismo português tem sido notada freqüentemente pelos estudiosos de qualquer quadrante, desse movimento. Do mesmo modo a fulgurante surpresa que foi em 1933 o aparecimento de *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre, viria a apaixonar não só os estudiosos da história e da sociologia e, nela, dos estudos sobre a miscigenação portuguesa no Brasil, mas também os analistas do seu estilo literário tão pessoal como inovador.” (p. 21).

Por outro lado, importa, também, nesse interesse, a questão histórica. Na década de 30, tanto Portugal quanto o Brasil vivem a influência das revoluções políticas e sociais que se desencadeiam na Europa do pós-guerra, principalmente na Rússia e na Itália, envolvendo-se no clima de efervescência que, então, domina o mundo, acentuada pelos confrontos ideológicos. Lembremo-nos do crescimento dos regimes nazifascistas. É quando Getúlio Vargas assume o governo brasileiro, António Salazar passa a primeiro-ministro de Carmona e o totalitarismo ganha espaço. Evidentemente a literatura e a cultura de modo geral ressentem-se desses acontecimentos, e, se a literatura brasileira de 30 é a da denúncia político-social, também o é a do Neo-realismo português. Há, portanto traços históricos comuns que contribuem para o interesse luso na expressão brasileira.

Aí, a questão estética é reforçada pela chamada geração de 45 — sobretudo com Clarice Lispector (*Perto do Coração Selvagem*) e Guimarães Rosa (*Sagarana*) — que revisa criticamente e renova o Modernismo, voltando-se para a originalidade das técnicas de construção da obra ficcional, dotando-a de uma significação universal.

“Qualquer destes autores brasileiros, que tanta importância tiveram em Portugal a partir dos anos 30”, afirma Trigueiros, “foi estudado — e continua a ser (...) Tiveram e tem relevância estilística e social. Duma maneira ou doutra influíram na mudança cultural que uma acentuada evolução social sempre implica e também sob esse aspecto são aqui matéria de estudo.” (p. 21).

Não obstante o entusiasmo do introdutor, Domingos Mascarenhas se faz presente com uma série de três artigos sob o título geral de “Brasil, esse desconhecido” em que, evocando o poeta — “Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades” —, alerta para o desinteresse, em Portugal, pelas realidades brasileiras, pela atividade cultural e, em particular, literária, o que justifica, sob certo aspecto, a fixação nas referidas gerações e o desconhecimento da nossa produção mais recente. Entretanto, ele ainda vai mais longe ao afirmar a reciprocidade: no Brasil, depois de Eça, apenas um autor português se impôs, Fernando Pessoa. Hoje, poder-se-ia acrescentar o nome de Saramago.

Mascarenhas reconhece que “o tema tem pano para mangas” (p. 209), mas sabe, também, que, tomado pela angustiação que lhe confere, inclusive pela relação língua/literatura, aguça a reflexão contribuindo para o diálogo a que este *Temas Portugueses e Brasileiros* se propõe.

A parte brasileira do livro traz uma visão mais global da literatura portuguesa, do séc. XIII — “João Servando, Trovador” — à produção dos últimos decênios. Passa-se, assim, por Camões, Francisco Rodrigues Lobo, Camilo Castelo Branco, Francisco Lopo da Costa, Guerra Junqueiro e Eça de Queirós. É, entretanto, a partir do chamado “Período das Revistas” (1910/1940), profundamente marcado pela idéia de experimentação e revolução, que o interesse dos estudiosos brasileiros se concentra — João Alves das Neves estuda Ricardo Reis; Leyla Perrone Moisés ocupa-se de Bernardo Soares; Tânia Franco Carvalhal estabelece a ligação, através da escrita fragmentária, entre ele e Casimiro de Brito; Wilton Cardoso dedica-se a Fernando Pessoa e Álvaro de Campos; Maria Lúcia Del Farra mergulha na poética feminina de Florbela Espanca, enquanto Guilhermino César investiga Miguel Torga e Nelly Novaes Coelho analisa a contemporaneidade em Fernando Namora — para fixar-se, definitivamente, na produção das últimas décadas. Aí, embora o interesse no texto dramático de Santareno e na poesia de Reinaldo Ferreira, Ana Hatherly ou Casimiro de Brito, é a prosa ficcional que, de fato, centraliza as atenções. Maria Aparecida Santilli analisa *Portuguex*, de Armando Silva Carvalho; Maria de Lourdes Netto Simões ocupa-se de textos de Lobo Antunes, Eduarda Dionísio e Almeida Faria; Maria Lúcia Lepecki e Maria Luísa Rietzel Remédios examinam a obra de José Cardoso Pires, *A República dos Corvos* e *o Delfim*.

“Os leitores do romance português que vingou após o Neo-realismo”, comenta Santilli, “encontram as situações mais inesperadas de convivência com a prosa de ficção.” (p. 651). Pois é esse sopro renovador,

impregnado da herança neo-realista, onde o alargamento temático, com, no dizer de Maria de Lourdes Simões, a “repensagem da aventura histórica portuguesa em revisão da própria existência” (p. 660), e a reestruturação da forma, marcada pela desmontagem dos mecanismos tradicionais, conduzindo, via de regra, à desmitificação e, por ela, à remitificação do fazer literário, o que, inclusive, coloca a literatura portuguesa, hoje, numa posição de destaque no cenário europeu, que constitui-se, aqui, objeto de especial interesse.

Assim, os *Temas Portugueses e Brasileiros* estão colocados. autores diversos sobre autores e temas diversos; estudos monográficos, conferências, artigos jornalísticos; métodos de investigação e análise, os mais variados. O diálogo está posto e, com ele, a importância de uma obra que se faz referência, revisão e reflexão, sobretudo para os que se ocupam da literatura e da cultura dos dois países, até porque, já disse Ortega y Gasset, se o idioma fala das coisas, alude simplesmente a elas, a arte é que as realiza.